

***Bullying* escolar: onde mora o perigo? Uma reflexão com base na Teoria do Apego sobre a dinâmica agressor/agredido**

***Bullying* in school: where the danger is? A reflection based on the Attachment Theory on the dynamics abuser/abused**

Gabriela Casellato*

41

Resumo

Apesar de ser um fenômeno antigo em nossa sociedade, o *bullying* tem sido tema de investigação constante de pesquisadores nas áreas da saúde e educação que visam a compreender sua natureza, discutir e avaliar intervenções eficazes em diferentes ambientes, em especial, o escolar. Este artigo pretendeu refletir sobre as características psicodinâmicas do *bullying*, tendo como base os conceitos principais da Teoria do Apego, desenvolvida pelo psiquiatra britânico John Bowlby entre as décadas de 50 e 90. Nosso interesse específico foi estabelecer uma correlação entre os conceitos de padrões de apego, modelos operativos internos e estratégias sociais da interação agressor/agredido que caracterizam o fenômeno do *bullying*. O artigo foi desenvolvido a partir da revisão teórica dos principais conceitos dessa teoria, por meio da qual foi possível desenvolver análises e considerações relevantes para a compreensão do *bullying* como uma situação decorrente de comprometimentos sociais relacionados aos estilos de apego inseguro ambivalente, inseguro evitativo e inseguro desorganizado. Pretendeu-se, também, que, por meio de tais considerações, possamos oferecer subsídios para novas práticas em diferentes âmbitos, da família à escola, visando a novas possibilidades de profilaxia e enfrentamento do problema em questão.

Palavras-chave: Bullying - prevenção & controle. Psicologia. Epistemologia.

Abstract

Although it is an old problem in our society, bullying has been the theme of constant investigation of researchers in the fields of health care and education wanting to understand its nature, discussing and evaluating successful interventions in different settings, especially in schools. This paper aims to reflect on the psychodynamic characteristics of bullying, based on key concepts of Attachment Theory, developed by British psychiatrist John Bowlby between the 50's and 90's. Our specific interest was to establish a correlation between the concepts of attachment patterns, internal operating models and strategies of social interaction abuser / abused that characterize the phenomenon of bullying. The paper was developed on the basis of the theoretical review of the main concepts of this theory, which allowed us to develop analyzes and considerations relevant to the understanding of bullying as a situation arising from social commitments related to styles of attachment: ambivalent insecure, evocative insecure, and disorganized insecure. The intention was also providing, by means of such considerations, support for new practices in different areas, from family to school, aimed at new possibilities for prevention and resolution of problems aroused.

Keywords: Bullying - prevention & control. Psychology. Knowledge.

* Doutora em Psicologia Clínica. Fundadora do 4 Estações Instituto de Psicologia, SP. E-mail: gabriela.casellato@4estacoes.com

INTRODUÇÃO

É por meio da experiência do amor que vivemos os prazeres mais profundos, mas também as dores mais complexas de nossa existência. E é no desafio de compreender como se dá a condição humana de experimentar as relações de amor e suas reverberações para a vida que se fundamenta toda a construção do pensamento de John Bowlby, que, por meio de inúmeras observações diretas do comportamento humano, desenvolveu a Teoria do Apego^{1,2,3,4,5}.

Respaldados em nossa prática clínica e acadêmica^{6,7,8}, ambas fundamentadas na Teoria do Apego, observamos que, nas últimas duas décadas, essa abordagem teórica tornou-se um marco conceitual mais amplo que os modelos teóricos anteriores, pois iluminou e guiou de forma prática os estudos sobre todos os tipos de vínculos, fracassos e rupturas desses modelos.

É também notório que essa abordagem tornou-se um facilitador fundamental para compreender a qualidade dos relacionamentos íntimos iniciais, sua continuidade e como afetam o desenvolvimento afetivo da criança, seu estilo interpessoal e comportamento social.

Observamos também que, por meio dos conceitos da TA, os psicólogos e educadores americanos e europeus encontraram mais subsídios para compreender o impacto das rejeições iniciais na vida da criança, entendendo comportamentos desafiadores e inadequados e, assim, puderam relacioná-los à sua própria existência, influenciando seu estilo de relacionamento interpessoal. Isso porque essa teoria sugere uma importante conexão entre os relacionamentos parentais e entre os pares, bem como facilita a compreensão das motivações das atitudes violentas nas relações sociais na infância, assim como observamos na situação de *bullying*.

Outra vantagem dessa abordagem é que ela nos permite também entender como a criança se desenvolve e parte de completa dependência do cuidador para uma sobrevivência com um senso de individualidade, autoestima, autorregulação de afeto e competência social. Sob esse aspecto, a escola elementar é um período crítico no desenvolvimento das competências sociais de uma

criança, e é nesse período que os problemas de interação social podem sedimentar a psicopatologia posterior e futuros problemas sociais.

É por meio desse viés que este artigo pretendeu apontar os fundamentos da Teoria do Apego, que favorecem a compreensão do fenômeno do *bullying*, atualmente tão explorado pelas escolas, mídia e sociedade, mas tão antigo nas vivências sociais de crianças em todo o mundo. Pretendeu-se, também, que, por meio de tais considerações, possamos oferecer subsídios para novas práticas em diferentes âmbitos, da família à escola, e, dessa forma, convidar todos os adultos que participam da vida de uma criança agredida ou agressora a repensar seu papel frente às possibilidades de prevenção e enfrentamento do problema em questão.

O APEGO E SUAS FUNÇÕES NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Segundo Bowlby¹, o amor não é uma experiência secundária em nossa sobrevivência, mas primária, sem a qual o ser humano, bem como outras espécies, não poderia sobreviver. É por meio das relações de amor iniciais entre mãe (ou cuidador principal) e bebê que o ser humano encontra o senso de proteção e segurança básicos e cruciais para seu desenvolvimento e sobrevivência diante do desafio de crescer e, por meio do qual, terá condições de explorar o ambiente e desenvolver competências físicas, psicológicas, e socioemocionais.

O apego influencia profundamente todos os componentes da condição humana: mente, corpo, emoções, relacionamentos e valores. Isso porque o apego é um sistema de regulação mútua entre pais e bebês, no qual a função primordial do apego seguro é prover segurança e proteção para o bebê vulnerável, por meio da proximidade com o cuidador, e os resultados dessa interação serão alicerces das emoções e de relacionamentos posteriores e dos valores construídos a partir da percepção da realidade, que envolve pensamentos, sentimentos e comportamentos ligados ao apego. Porém, Bowlby¹ aponta que há outras funções importantes para a criança: desenvolver confiança básica e reciprocidade, que servem como base para futuros

relacionamentos emocionais; explorar o espaço com sentimentos de segurança e despreocupação (“base segura”), o que permite um desenvolvimento cognitivo e emocional saudável; desenvolver habilidade para o autocontrole, o que resultará em eficientes manejos dos impulsos e das emoções; criar uma fundação para a formação da identidade que inclui um senso de competência, autovalorização e um equilíbrio entre dependência e autonomia; estabelecer uma estrutura moral pró-social que envolve empatia, compaixão e consciência; gerar um sistema de crenças nucleares que compreende estimar a si, cuidadores, outros, a vida em geral; prover defesas contra estresse e trauma, incorporando recursos internos e externos.

Tais influências sugerem a forte correlação entre o nível de segurança internalizada e as condições para uma exploração social saudável e rica. Em contrapartida, podemos entender onde mora o perigo em situações envolvendo comportamentos sociais comprometidos que, antes de mais nada, denunciam a dificuldade da criança em perceber esse processo de exploração e aquisição de competências e autonomia como prazeroso e não como ameaçador.

Segundo Grossmann, Grossmann⁹, a Teoria do Apego, proposta por Bowlby¹, explica quatro processos que ajudam na compreensão da importância do comportamento de apego para o desenvolvimento humano: 1) O desenvolvimento dos estilos de apego entre bebês e cuidadores baseia-se na expressão das necessidades do bebê, que eventualmente lida com diferenças individuais entre seus cuidadores até o final do primeiro ano de vida; 2) O processo que transforma essas diferenças relacionais em diferenças individuais, isto é, a transição das interações de apego da díade para representações individuais próprias, denominadas por Main¹⁰ como representações mentais; 3) A transição de estratégias específicas de comportamento da infância, desde a adolescência até a vida adulta, incluindo a terceira idade; 4) A transição de qualidades de cuidados entre gerações, ou seja, como as estratégias de comportamento de apego são passadas de pais para filhos.

ESTILOS DE APEGO NA INFÂNCIA

A pesquisadora americana Mary Ainsworth foi extremamente importante no desenvolvimento dos conceitos da TA, pois foi por meio de suas observações diretas padronizadas e protocoladas como Teste da Situação Estranha que Bowlby¹ classificou as categorias de estilo de apego das crianças associados aos estilos de cuidado parental. Essas conclusões foram possíveis por meio do registro sistemático da observação direta da interação entre inúmeras crianças e suas mães, tanto em ambientes familiares como em ambientes desconhecidos. Ainsworth descreveu dois estilos de apego inseguro (ambivalente e evitativo) e um estilo de apego seguro. Em estudos posteriores, pesquisadores pós-bowlbianos acrescentaram um terceiro tipo de estilo inseguro, classificado como *desorganizado*^{1,11}.

O apego seguro é observado em crianças cujas mães foram avaliadas como suficientemente boas, sensíveis e responsivas às necessidades de segurança do bebê e que também se manifestaram como uma base segura para a exploração social dos filhos. Essas crianças demonstraram tolerância frente às separações breves e respondiam calorosamente ao contato da mãe quando ela retornava e as acolhia. De forma tranquila, esses bebês também conseguiam se organizar rapidamente após o reencontro com a mãe e retomar sua disposição para explorar o ambiente à sua volta^{1,11}.

Já o estilo de apego inseguro ambivalente foi observado em situações nas quais as mães mostravam-se ansiosas, inseguras e, consequentemente, insensíveis às necessidades dos filhos. Elas também eram temerosas quanto ao comportamento exploratório deles. Por sua vez, essas crianças também se mostraram temerosas durante e após a separação de forma intensa e persistente, manifestando agudas reações de choro e raiva misturadas com respostas corporais de aproximação e afastamento^{1,11}.

Em situações nas quais predominava o estilo inseguro evitativo, observou-se crianças cujas mães mostraram-se frias, com pouca ou nenhuma expressão de sentimentos, intolerantes e pouco encorajadoras da proximidade dos filhos nos momentos de reencontro após as separações. Tais

crianças também se comportavam de forma defensiva, demonstrando não se importar com a rejeição ou aproximação da figura de apego. Eram crianças cujo senso de segurança voltava-se para o autocontrole e isolamento social, pois sentiam-se menos ameaçadas e vulneráveis estabelecendo uma aparente autossuficiência diante de seu contexto social^{1,11}.

O estilo desorganizado foi dessa forma classificado, pois agrega situações mais comprometidas, nas quais as crianças demonstraram uma dinâmica oscilante entre a ambivalência e a evitação. Eram crianças inseguras e contraditórias na manifestação do comportamento diante da mãe. Quando separadas, mostraram-se agitadas, choraram intensamente, mas quando a mãe retornou, mostraram-se indiferentes ou extremamente descontroladas, jogando-se no chão, batendo a cabeça, ou outros tipos de comportamentos furiosos e autodestrutivos. Tais manifestações foram associadas às mães enlutadas, depressivas ou mesmo abusadas que se encontravam assustadas e desamparadas e, portanto, pouco disponíveis para suas crianças.

Vale ressaltar que devemos compreender esses estilos de apego não de forma absoluta e categórica, mas em uma gradação que varia de uma segurança consistente a uma insegurança consistente, passando por diferentes níveis e de forma dinâmica ao longo da vida.

A partir das experiências intersubjetivas estabelecidas com seus pais, a criança desenvolve o processo de organização e aprofundamento de pensamentos e sentimentos, percepções e memórias, desejos e intenções, valores e crenças – complexas dimensões daquilo que Bowlby¹ classificou como modelos mentais ou modelos operativos internos. Esses modelos são componentes necessários do sistema comportamental de apego e que servem para agirmos em situações novas, usando simultaneamente da experiência e do inconsciente.

De acordo com a definição utilizada por Main¹⁰, modelo operativo interno é a representação individual em relação ao mundo, às suas figuras de apego e à sua relação com eles. Já as representações são os processos internos que incluem construção de significados, imagens e modelos mentais.

Os modelos operativos Internos têm duas dimensões importantes: a imagem que a criança tem de outras pessoas e a imagem que ela tem de si mesma. Tais dimensões afetam a maneira pela qual a criança vai interpretar eventos, guardar informações na memória e perceber situações sociais.

O poder e a persistência de modelos negativos, e o impacto que têm sobre a capacidade da autorreflexão e pensamento complexo da criança, podem ajudar a explicar porque mudar é tão difícil e a vida passa a ser percebida como sofrida. Segundo Karen¹², isso explica o processo de identificação pelo qual uma criança adota para si os aspectos que mais odeia de um dos genitores ou cuidadores, especialmente de uma mãe que foi inacessível por meio de uma distância emocional, incluindo o abandono total ou morte⁷.

Os modelos operativos internos são múltiplos, quando se referem ao mesmo aspecto da realidade, e são implicitamente contraditórios. Esses modelos múltiplos são caracterizados e explicitados pelas crenças, esperanças, sentimentos, desejos e pelo conteúdo relacionado a essas proposições¹¹.

Essas apreensões da realidade estão relacionadas aos estilos de interação desfavoráveis ou favoráveis com figuras de apego, que podem deixar a criança vulnerável a desenvolver modelos múltiplos de apego e de si.

Com relação à dificuldade de distinguir aparência-realidade e interpretar mensagens contraditórias relacionadas ao mesmo objeto, relação ou situação, Main¹⁰ afirma que isso pode tornar a criança vulnerável para responder às experiências de apego desfavoráveis, devido ao desenvolvimento de modelos múltiplos (conflitantes ou incompatíveis) de apego.

Sendo assim, pessoas inseguras apresentam um misto de pensamentos contraditórios, sentimentos e intenções, com relação ao mesmo aspecto da realidade (modelo múltiplo)⁷.

Finalmente, após a explicação sobre a construção desses modelos, a Teoria do Apego passa, então, a discutir a influência deles na percepção e avaliação do indivíduo, quais tipos de distorções podem surgir e quais condições favorecem ou dificultam o seu desenvolvimento à medida que as crianças vão crescendo e, consequen-

temente, ampliando e tornando cada vez mais complexa sua rede social. Marris¹³ vai além e afirma que o apego é o primeiro e mais crucial relacionamento, por meio do qual o ser humano começa a aprender a organizar significado. O autor chama de “significado” uma organização de experiências que nos capacitam a identificar aqueles eventos que têm importância para nós, que nos contam experiências prévias e determinam como nós respondemos a elas. Isso envolve eventos classificatórios, propósitos ordenados e sentimentos reconhecidos associados com eventos. Marris¹³ afirma que esses significados são vitais e que o processo de crescimento é resultado do amadurecimento das organizações de significado. Esses significados também têm vida própria, fortalecendo-se enquanto são repetidos. Como muitas de nossas compreensões pessoais são incorporadas a esses significados organizados e mantidos socialmente, eles passam a criar a previsibilidade da interação humana^{7,14}.

Portanto, ao pensar na dinâmica do *bullying*, podemos compreender que os comportamentos agressivos se constituem como estratégias apoiadas em determinados significados e, posteriormente, se tornam estratégias reforçadas por sentimentos de autoeficácia desenvolvidos por meio dos modelos operativos internos. Da mesma forma, podemos entender o comportamento submisso de crianças sujeitas à violência dos pares ou mesmo de adultos.

De modo geral, um modelo de apego inseguro torna mais difícil a adaptação da criança diante de situações adversas e conflitivas, diante das quais ela vai se comportar gerando mais conflito e adversidade, em uma espiral gradativa que poderá levá-la a uma grande inadaptação social permeada de significados empobrecidos sobre si mesma e sobre os outros.

Outra grande contribuição dessa abordagem está na compreensão de que se a meta do comportamento de apego é atingir a condição de segurança suficiente para cessar o estado de ameaça na qual a criança se encontra, o que está em questão não é a qualidade de sua estratégia, mas se ela reconhece sua estratégia como eficaz para atingir tal sensação, e, assim, a qualidade da resposta do outro ao seu comportamento terá importância secundária no processo que a criança

internalizou. Dessa forma, podemos compreender o que leva uma criança com comportamentos inseguros a repeti-los, pois é na condição de familiaridade desse padrão que repousa sua sensação de segurança e, conseqüentemente, o resultado final de seu comportamento.

Por exemplo: ao ser passiva diante de uma agressão, a criança não se sente amada e reage de forma a confirmar a percepção que tem de si mesma e, por isso, apesar de sofrer, não busca efetivamente uma situação qualitativamente melhor para viver. Então, no lugar de reagir defensivamente diante da violência, ela responde buscando validar a percepção que tem de si mesma como não merecedora de relações pessoais que envolvam respeito e sentimentos mutuamente positivos.

Da mesma forma, podemos explicar o comportamento de uma criança agressiva: ao agir de forma violenta, ela busca validar a percepção que tem de si mesma como sendo merecedora de atenção por meio da raiva e hostilidade e se reassegurando do controle de situações ameaçadoras pela reação defensiva, escamoteando sua insegurança e o temor de rejeição frente ao ambiente. Dessa forma, ela não se sentirá surpreendida pela rejeição, pois ela já conta com isso, e esse controle é o que a fará se sentir segura. Nessa situação, a criança já não conta mais com a resposta amorosa do par, mas com a resposta temerosa do outro, que conterà o seu medo pessoal de ser atacada ou rejeitada.

Sendo assim, é improvável que uma criança com um estilo predominantemente seguro se permita estabelecer uma relação baseada em agressão, pois tais comportamentos não farão parte de seu modelo operativo interno e de suas estratégias para atingir a sensação de segurança.

Segundo Parkes¹¹, o curso do desenvolvimento do apego na infância parece se movimentar de uma dependência opressiva pela presença da figura de apego para uma relativa autonomia da figura de apego. Esse progresso dos sentimentos de apego, geralmente, vai dos dois anos até os dezessete anos de idade.

Parkes¹¹ nos esclarece, também, que, ao passar pela adolescência, isto é, pela fase em que os indivíduos abandonam e rejeitam seus pais como figuras de apego em um processo de ma-

turação sexual e social, o indivíduo chega à fase adulta e, posteriormente, à fase final do processo de transformação do sistema de apego; quando uma figura do apego adulto é escolhida.

Tais estilos, mesmo que estáveis, podem ser modificados em situações de crise e mudança (positivas e negativas), como acidentes, doença crônica, depressão ou perda, casamento, maternidade ou outras situações. O comportamento de apego tende a persistir durante a vida inteira: figuras antigas ou novas são selecionadas e busca-se manter com elas a proximidade e/ou comunicação. Enquanto o resultado do comportamento continua sendo virtualmente o mesmo, os meios para obtê-lo tornam-se cada vez mais diversos⁷.

Parkes¹¹, Franco¹⁵ e Casellato⁷ consideram que o estilo de apego da criança a seu cuidador pode ser encontrado também em relacionamentos íntimos na vida adulta e também pode ser classificado como seguro, evitativo e ambivalente.

Nesse sentido, devemos pensar na possibilidade transformadora que novos vínculos ao longo da vida poderão assumir, entre eles, as figuras dos educadores na vida escolar, e que, nesse contexto, assumem um lugar hierárquico e de promoção do crescimento intelectual e social de cada criança, o que, como vimos, está estritamente ligado à necessidade de promover segurança suficiente para garantir tal progressão e autonomia infantil^{7,16}.

ADOLESCENTES E O *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR: A EXPRESSÃO DAQUILO QUE FOI INTERNALIZADO NA INFÂNCIA

Em nosso universo clínico e acadêmico, observamos que o estilo mais comumente encontrado em crianças agressoras é o estilo de apego inseguro evitativo, cujo modelo operativo interno se baseia nas seguintes premissas: reação defensiva, evitando o contato íntimo, pois têm como experiência que, ao procurar o apoio do cuidador, não encontrarão uma resposta positiva e sim um ato de rejeição, tendendo a mostrar como defesa uma atitude de autossuficiência emocional (hipoativação do sistema de apego)□. A figura de apego é percebida como causadora do medo

/ agressão / rejeição, que as crianças percebem quando se aproxima delas.

Por outro lado, observamos com mais frequência crianças com estilo de apego inseguro ambivalente como vítimas de situações de violência, incluindo o *bullying*; e isso acontece porque tendem a apresentar ansiedade de separação e a mostrarem-se receosas em sua exploração do mundo, uma vez que internalizaram de suas experiências iniciais uma intensa e frequente ambiguidade da disponibilidade emocional da figura de apego. Elas se sentem responsáveis pelo medo / agressão / rejeição que elas percebem em suas figuras de apego quando se aproximam delas e, portanto, se percebem merecedoras dessa resposta insuficiente. Dessa forma, o sistema de apego fica ativado o tempo todo (hiperativação do sistema de apego). São crianças obcecadas com problemas de intimidade e, por isso, se sujeitam aos relacionamentos ambíguos em busca de qualquer nível de aceitação.

A COMPLEMENTARIDADE

O ciclo do *bullying* implica tanto o ato de agressão por parte do *bullie* como um sinal de submissão por parte do alvo. O ciclo só está em “movimento” quando esses dois elementos estão claramente presentes. Quando um dos elementos se manifesta, o ciclo continua a alimentar-se durante o tempo, podendo durar meses, anos ou décadas. Isso acontece porque as estratégias de apego de uma criança com predominância da evitação são complementares e reforçam as expectativas inconscientes de uma criança com predominância da ambivalência. Explicando: quando uma criança agressiva agride outra criança que não consegue reagir e evitar a agressão, ambas estabelecem uma conexão entre seus mundos internos por meio de estratégias complementares: uma agride porque não se sente merecedora de uma relação de intimidade satisfatória e estável e, por meio da agressão, estabelece o controle e antecipa o fim da relação, diminuindo a ansiedade e tensão que isso lhe causa. A outra permite a agressão porque entende que é o preço que deve pagar por não ser suficientemente boa e merecedora do amor satisfatório e assim reforça a ambiguidade que

internalizou de relações anteriores. Portanto, as respostas comportamentais de ambos atendem aos respectivos mundos presumidos e, assim, estabelece-se o ciclo e a repetição.

Portanto, podemos afirmar que o que impede o agredido de denunciar o agressor é o medo de sofrer mais agressão, mas é também o medo de inconscientemente romper com a cumplicidade e ambiguidade e, com isso, ingressar em uma situação nova e, portanto, mobilizadora de incerteza.

Diante do *bullying*, como de outras situações de violência social, devemos considerar as consequências para aquele que sofre a agressão em curto, médio e longo prazo, entre elas: ansiedade, medo, depressão, estresse, dores não especificadas (problemas gástricos), perda de autoestima, automutilação, problemas de relacionamento, faltas escolares (assiduidade), desrespeito pelos professores, diminuição do rendimento escolar, abuso de droga e álcool, suicídio (bullycídio) e também podem se tornar possíveis futuros agressores.

Quanto ao agressor, também devemos considerar as consequências imediatas e em longo prazo, entre elas: crença na força para solução dos seus problemas; dificuldade em respeitar a lei e os problemas que daí advêm; problemas de relacionamento afetivo social.

Além disso, como já dissemos, a consequência mais elementar para ambos é a manutenção e reforço de seus estilos de apego inseguro e de suas estratégias frente ao mundo^{17,18}.

É POSSÍVEL PENSAR EM UMA BASE EFETIVA DE INTERVENÇÃO DENTRO DA ESCOLA?

Há tempos vivemos um infundável debate sobre até onde vai o papel da família e onde começa o papel da escola nas diferentes dimensões do desenvolvimento infantil e temos, frequentemente, delegado a função emocional para a família, considerando delicada a intersecção, mas ao mesmo tempo perdendo preciosas oportunidades de fortalecer a escola e o educador, como uma

alternativa saudável e efetiva para crianças, cujas famílias encontram-se doentes ou comprometidas em seu função de prover segurança.

Sob esse viés, podemos levantar algumas ações relacionadas ao contexto escolar que podem favorecer a valorização do educador como cuidador alternativo na formação de uma base segura necessária para o desenvolvimento de crianças pré-escolares e de ensino fundamental: 1) Os educadores deveriam ser conscientizados e incentivados por psicólogos e psicopedagogos acerca do papel preventivo e alternativo que possuem no desenvolvimento emocional e global de crianças no contexto escolar; 2) Os educadores deveriam ser orientados em suas capacitações e reciclagens sobre as condições de risco e proteção no desenvolvimento global da criança na sociedade contemporânea. Sob esse aspecto, abre-se espaço para a reflexão do lugar da escola nesse contexto; 3) Favorecer a compreensão do papel da escola na promoção de segurança para a criança e para o adolescente, de forma complementar ao papel da família ou, numa situação mais grave (como na situação de *bullying*), do profissional de saúde mental.

Devemos ajudar o educador a entender que pode assumir esse lugar sem substituir o afeto e a responsabilidade da família. De forma simples, estamos nos referindo à educação associada a uma consciente, consistente e efetiva disponibilidade emocional para as crianças em formação.

Por fim, desejamos que essas reflexões não conduzam o leitor a procurar culpados ou responsáveis pela experiência do *bullying* nas escolas, mas pretendemos incentivar o fortalecimento de parcerias entre família, criança e escola, na busca da prevenção efetiva.

É o equilíbrio desse “tripé” que trará às crianças mais condições de estabelecer a confiança necessária em si mesma e no seu contexto de vida, melhorando sua autoestima, a confiança no outro, refinando o discernimento nas escolhas dos pares e buscando ambientes mais saudáveis para crescer e construir sua própria narrativa.

REFERÊNCIAS

1. Bowlby J. Apego: a natureza do vínculo. Trad Álvaro Cabral. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes; 1990. v. 1 [Série Apego e Perda]. [Título original: Attachment and Loss. Attachment].
2. Bowlby J. Separação: angústia e raiva. Trad Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Mota e Mauro Hegenberg. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes; 1993. v. 2 [Série Apego e Perda]. [Título original: Attachment and Loss. Separation: Anger and Anxiety].
3. Bowlby J. Perda: tristeza e depressão. Trad Valtensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes; 1993. v. 3 [Série Apego e Perda]. [Título original: Attachment and Loss. Loss: Sadness and Depression].
4. Bowlby J. Formação e Rompimento dos Laços Afetivos. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes; 1990.
5. Bowlby J. Cuidados Maternos e Saúde Mental. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes; 1995.
6. Casellato G. Motivos relacionados ao luto que levam um casal à adoção – uma possibilidade psicoprofilática [dissertação]. São Paulo: PUC; 1998. [Pós-Graduação em Psicologia Clínica no Núcleo de Família e Comunidade].
7. Casellato G. Luto por abandono e correlação com a maternidade [tese]. São Paulo: PUC; 2004. [Pós-Graduação em Psicologia Clínica no Núcleo de Família e Comunidade].
8. Casellato G, organizadora. Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade. Campinas: Editora Livro Pleno; 2005.
9. Grossmann KE, Grossmann K. Attachment quality as an organizer of emotional and behavioral responses in a longitudinal perspective. In: Parkes CM, Marris P, Stevenson-Hinde J. Attachment across the Life Cycle. London: Routledge; 1991. p. 93.
10. Main M. Metacognitive knowledge, metacognitive monitoring, and singular (coherent) vs. multiple (incoherent) model of attachment: findings and directions for future research. In: Parkes CM, Marris P, Stevenson-Hinde J. Attachment across the Life Cycle. London: Routledge; 1991. p. 127.
11. Parkes C. Amor e Perdas: as raízes do luto e suas complicações. São Paulo: Summus; 2009.
12. Karen R. Becoming Attached: first relationships and how they shape our capacity to love. Nova Iorque: Oxford University Press; 1994.
13. Marris P. The social construction of uncertainty. In: Parkes CM, Marris P, Stevenson-Hinde J. Attachment across the Life Cycle. London: Routledge; 1991. p. 77.
14. Mazorra L. A construção de significados atribuídos à morte e o processo de luto [tese]. São Paulo: PUC; 2009. [Doutorado em Psicologia Clínica].
15. Franco MHF, organizador. Formação e Rompimento de Laços Afetivos. São Paulo: Summus; 2010.
16. Tinoco V, Franco MHP. O luto em instituições de abrigo de crianças. *Estud Psicol.* 2011 Dez;28(4):427-34.
17. Dodge KA, Bates JE, Petit GS. Mechanisms in the cycle of violence. *Science.* 1990 Dec 21;250:1678-83.
18. Dodge KA, Petit GS. A biopsychosocial model of the development of chronic conduct problems in adolescence. *Developmental Psychol.* 2003;39:349-78.